

Pão Nosso...

Porto, 8 de Junho de 1910.

N.º 8

SUMARIO:

- I — AS CARPIDEIRAS PARLAMENTARES.
- II — A FARÇA DOS DOIDOS.
- III — AFONSO COSTA—O INIMIGO.

As carpideiras parlamentares

A angliolatria.—A sentença de lord Salisbury.—Onde está a aliança inglesa?—Perguntas do almirante Ferreira do Amaral.—Pergunta de Mr. Gibson-Bowles na camara dos Comuns.—Negativa de sir Artur Balfour.—Alqueive de sandices historicas.

As nações do mundo podem classificar-se em vivas e moribundas.—Lord Salisbury na *Primrose League*.

Se souberam que de pezares curti por não assistir ás sessões parlamentares de apoteose a Eduardo VII, tinham pena! Eu tenho!

Devorei anciosamente todos os papeis que a cerimonia descreviam. Lavei-me em pranto, vesti-me de magoa.

Partidas as adufas que represavam a eloquencia portu-

guêsa, parecia que arripiavamos carreira té aos tempos idos de grande chôro e desventura amarga, como á morte do rei D. Sebastião, ou ao embarque de D. João VI para o Brasil, levando á sirga a cabra da mulher, e as taleigas dos bons dobrões d'ouro, luzentes e sonantes.

Houve luto nos trajés e luto nos pensamentos. Naquella assembleia em que os grandes oradores são raros, coçou-se intrepidamente a brotoeja do palanfrorio, até deixar a sandice em carne viva.

Refluiram á tona do caudal palavroso, os sentimentos de *anglolatria* com que a nação se prostou, na conjuntura da sua miseria moral e degradação abjeta, aos cascos de *sir* William Carr Beresford, o mesmo que

— «como fiel amigo nos vinha lançar as algemas, metendo-se adentro dos nossos muros para nos governar como ralé sem fôro, para nos arruinar o commercio e a marinha; e finalmente para enforçar como assassinos e ladrões quantos trabalhassem por arrancar a nação, completamente embrutecida, á humilhante e aviltantissima tutela que os seus *salvadores* lhe estavam impondo.» (José Caldas, *Historia de um Fôgo Morto*).

A quasi totalidade dos oradores, nos intervalos da enxuga das lagrimas azeitonaes, rompiam em lôas á aliança inglesa... a fiadora da nossa independencia... a que nos garante o nosso imperio colonial... a que alfim nos assegura um logar bemaventurado no reino dos ceos!

*

* *

Acordemos nós igualmente um grande morto, lord Salisbury, que foi primeiro ministro, chefe do partido conservador, cancelario da Universidade de Oxford, politico de cunho e filosofo com quem Herbert Spencer disputava teorias scientificas.

E' elle que fala :

As nações do mundo podem classificar-se em *vivas* e *moribundas*.

Para além, muito além desta divisão que parece uma sentença, movem-se as esquadras monstruosas, os milhares de canhões, as montanhas de libras e os milhões de subditos da Inglaterra.

Implacavelmente, inexoravelmente, prosegue:

Nestes países (os moribundos), a sociedade e a administração, que é a sociedade oficial, desceram a tal profundidade de corrupção, que não prestam o menor ponto de apoio á mais ligeira esperança de reforma ou de reorganisação. Perante as mais adeantadas nações do mundo, para cujos sentimentos e interesses apelam pedindo-lhes remedio (1), manifestam em diferente grau um quadro terrível, que, infelizmente, os meios de informação e de communicação desenham com negras e nitidas linhas.

Quanto tempo durará este estado de coisas, não me atrevo a profetisá-lo; mas o processo vaé correndo, os Estados fracos tornam-se cada vez mais fracos, e os Estados fortes, mais fortes se mostram a cada momento.

Não é, pois, neccessario ser especialista em profecias, para prever os inevitaveis resultados destas duas ações combinadas.

Por um motivo ou por outro — levadas por necessidades políticas ou a pretexto de filantropia — as nações vivas irão englobando os dominios das nações moribundas.

E o *Times* que o discurso de lord Salisbury na *Primrose League* imprimira, ajuntava-lhe, agravando a chaga, estas palavras:

«A desgraça da Espanha assim como a de Portugal está em que as massas são superiores aos seus governantes».

A aliança inglesa! Mas existe porventura? Quando se firmou? Em que consiste? Onde o diploma? Onde o tratado?

*

* *

(1) Solicitando alianças.

Não sou eu apenas, escrevente de lingua solta, que as interrogações proponho. Personagem de vulto como o sr. Ferreira do Amaral, ex-presidente de ministros e official general da armada, as mesmas perguntas formúla em passos varios do seu volume *A Defêsa Nacional*.

Ouçamo-lo:

Existirá algum pacto secreto, algum *modus vivendi* entre as duas chancelarias inglêsa e portugueza combinado, que defina bem o auxilio incondicional da Inglaterra para a conservação da nossa autonomia na metropole e da integridade dos nossos dominios coloniaes?

Se existe, porque se não dá a esse pacto toda a publicidade, e porque se não faz votar nas Côrtes portuguezas, logo que se reunam?

E porque nem a tal facto aludiu o mesmo sr. Ferreira do Amaral, quando foi presidente do conselho? Porque não sacou a lume esse documento internacional?

Porque ninguem dá o que não tem. Porque tal tratado não existe.

A menos que os nossos monarchicos não vivam atidos aos protocolos caducos e inapplicaveis que começam em 1373 até ao de Vienna em 1815, visto que as famosas *notas reversaes* que se diziam trocadas sobre o tratado de limites africanos de 11 de junho de 1891, se verificaram — no correr da guerra anglo-boer — jámais terem existido.

Quando Eduardo VII depois de coroado, veio de visita até Lisboa, os brindes amistosos entre elle e D. Carlos, engramponaram a imprensa dinastica com as farroncas de quem traz no ventre todos os couraçados britannicos. Agora sim! Agora é que a aliança... a suspirada aliança... o penhor... a garantia... estava selada! Por uma unha negra que não meteu Tejo e Manzanares acima, uma esquadriha de caravelas, tomando Madrid num assôpro.

Como a barulheira infernal das nossas gazetas chegasse aos ouvidos dos grandes diarios londrinos, na Camara dos Co-

muns, o deputado Mr. Gibson-Bowles interrogou, sobre o assunto, o chefe do governo, *sir* Artur Balfour.

— *Que havia acêrca da aliança anglo-portuguêsa, em vista das saudações dos dois soberanos?*

Ao que o primeiro ministro respondeu secamente:

— *Que nem o Parlamento nem a Inglaterra tinham que occupar-se dos brindes particulares, traduzindo simpatias pessoais entre os monarcas.*

Do *Standard*, o ponderado órgão do partido conservador, ao tempo verti a pergunta e resposta, estampando-as em *A Voz Publica* d'então. Mas como o treslado derrubava todos os castelos que os monarchicos erguiam, fez-se sobre aquellas palavras a conspiração do silencio. Como se em tal materia e no parlamento inglês se proferissem inutilidades! Como se Artur Balfour fôra algum codea sem responsabilidades internacionaes!

*

* *

E que de barbaridades historicas se não produziram na sessão comemorativa do defunto Eduardo! Alegaram-se as velhas alianças, que sempre se traduziram como protetorado, e quem diz protetorado, diz exploração.

Que o inglês pelejou lado a lado dos nossos bêsteiros em Aljubarrota. E' verdade. Mas não vinha como aliado. Eram levadas de aventureiros que se alugavam ao principe que mais pagava, mercenarios puros como Cressyngham, Blithe, Cobham, Dale, Grantham, e outros da mesma farinha.

Que o inglês nos ajudou a expulsar as tropas napoleonicas. Decerto, mas não por amôr á nossa autonomia, como o provou na *Convenção de Cintra*, em que *sir* Hew Dalrimple passou sobre os interesses da nação portugueza, como se tratasse duma manga d'escravos.

Como o provou nos tratados finaes de Chaumont e Paris (1814) relegando-nos a Inglaterra a quem haviamos cometido a defensão dos nossos direitos, ao desprezo de todas as potencias, e

em paga dos sacrificios feitos obrigando-nos a novos sacrificios. Ardeu o sêco pelo verde.

O alevante da nação contra os francêses invasores, procedeu mais do fanatismo fradesco, que do amor ao torrão. Foi uma guerra religiosa. A fradalhada via no francês, o filho da revolução, o que comboiava nas mochilas, sementes de Voltaire e Rousseau.

Expulsámos Junot, Soult e Massena, para que nos viesse governar Beresford, tirano d'alcoice, cómo no Brasil dirigia a côrte *lord* Strangford, como nos começos do reinado de D. Maria II, Van der Weyer, alcaiete bretão. Arrojámos o estrangeiro *inimigo*, para nos aviltarmos na ditadura do estrangeiro *amigo*, durante a qual se perseguia em furias de doidos sanguinarios a cambada dos *pedreiros livres*, dos *carbonarios*, dos *filhos da Bêsta*. A Bêsta era a Liberdade.

E na freima de disparatar, os nossos letrados d'assobio, apenas em publico provaram, além de moerem uma cantilena que é uma burla, jamais haverem, nem por aventura, descansado a vista numa pagina de qualquer dos nossos historiadores e historiografos: Bruno, Oliveira Martins, José Caldas, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Rebêlo da Silva, Latino Coelho, Antonio Enes, Luz Soriano, etc., etc.

Perdemos o ensejo duma aliança categorica com a Gran-Bretanha, nos annos passados, em que nós representavamos no xadrez internacional uma tabula contra a Espanha, que a Inglaterra podia mover. Hoje que o paiz visinho se entende directamente com Londres, e que até a sua politica naval, de Londres lhe é determinada, passamos a um plano secundario. Valemos menos, pois que se perdeu o tempo em hinos a uma aliança que só vivia nas mentiras com que nos embalavam.

Para ganharmos o respeito da Inglaterra puritana, só dignificando-nos moralmente. E não caminharemos nesse sentido emquanto a nossa administração publica, que é na frase de Salisbury a sociedade official «descer a tal profundidade de corrupção, que não preste o menor ponto d'apoio á mais ligeira esperança de reforma.»

E mais uma vez, em face dos quadros que se desenrolam, friamente, sem paixão, sem cegueira de sectarismo, sem barruntos jacobinos, a conclusão se impõe:— Republica, Republica, Republica!

A farça dos doidos

Um punhado de notas:— A casa da moeda dos Navegantes.— Farejando espões.— «Ceo azul, riso amarelo» — Di luva di pélica.

Escassas se prestam as paginas deste opusculo, ao comentario dos factos marcantes da semana finda. A sociedade portugueza despenha-se com velocidades arripiantes no fito do Desconhecido. Não é um paiz, é um hospital d'alienados. Não se vive, — delira-se.

E pois que o acanhamento d'espaco nos obriga a sumiços de linguarice, mais sirvam de registo as notas seguintes, que d'explanar razões.

*

* *

A casa da moeda dos Navegantes

A *Companhia Geral de Credito Predial Português*, tradução em giria financeira da lendaria Falperra, foi instituida por maecões politicos, com meia duzia de saquiteis de tostões, como se confessa num dos seus primeiros relatorios.

Sobem atualmente a dezenas de milhares de contos, as obrigações em circulação, as sorteadas e pagas. Milheiros de contos tambem, as prestações atrazadas, as propriedades na posse da Companhia, e os devedores por execução.

Mas o cofre deste Banco Hipotecario legou-o, M.^{me} Tereza Humbert ao eminentemente veneravel, seu herdeiro e sucessor, José Luciano. Na caixa forte da excelsa Tereza, ao arrombá-la, descobriram um botão de casaco, ficha de credito sobre os fantasiados milhões dos imaginarios Crawfords. Na do Banco hão-de encontrar... um par de manguitos que o Governador dimissionario deixa aos obrigacionistas.

Que fez José Luciano do Banco? Transformou-o na sua Casa da Moeda particular. Os vice-governadores e o Conselho Fiscal, como todos os subalternos que se presam, cingiam um tapume nos olhos. Patrão manda, prêto obedece.

Chega a hora do infortunio. Avoluma a maré dos roubados. Aos gritos de — Ladrão! Aqui d'Elrei! — a gente d'Elrei acode. Ahi caem mós de policias.

E de má catadura, falas iguaes á catadura, sabre na ilharga esquerda, revólver na anca direita, atiram-se sobre os roubados, para impedirem que estes vão buscar o que é seu.

E lembrar-se a gente que em França, por causa do Panamá, o genial e grande Ferdinand Lesseps, e o insigne Freycinet, reorganizador dos exercitos francêses, ficaram inutilizados para todo o sempre!

Como o seu chefe, Francisco Beirão que era o *chevalier sans peur et sans reproche*, Bayard hemorroidal do progressismo, quando lhe palpita que no parlamento lhe exigem contas dos seus actos, duplica a guarda das côrtes, amontôa policia nas proximidades, e reserva as galerias para os malsins da secreta.

José Luciano, que não pôde sair de casa com as aflições, — como o sr. Beirão não pôde comparecer nas Camaras quando lhe querem assoar as vastas angras do seu imaculado nariz, — enviou um papel á assembleia. Que diz na essencia?

Verifiquem. Dois maravilhosos conceitos: 1.º — Eu cá não fui; 2.º — Males que de longe vêem.

Evidentemente. Os obrigacionistas roubaram-se a si proprios. Fôra eu juiz d'instrucção, que já com as esbrugadas carcassas delles malhava nas alfurjas das esquadras.

E por conclusão, José Luciano, a batida raposa que ama-

menta os seus cachorrinhos do ministerio, remata: — «Eu cá vou-me embora. Lavo as minhas mãos como Pilatos. Os snrs. aguentem-se ».

A' carreira deste omnipotente faltava a corôa civica. Ganhou-a. No seu enterro chorarão os crocodilos politicos, e no parlamento abafarão o seu cadaver em carradas d'incenso, para não empestar de peçonha.

Morrerá honesto e pobre. Sua mulher e filhos hão-de requerer pensão do Estado, que lha concederá. Os obrigacionistas erguer-lhe-ão um monumento de papel selado, e por-lhe-ão de guarda d'honra um meirinho do tribunal do Comercio.

Que paiz de ladravões! e tão abundantemente governado! Duas rainhas: a sr.^a D. Amelia d'Orleans e a sr.^a D. Maria Emilia de Castro. Duas rainhas, mais o menino santo... uma larva de marido.

*

* * *

Farejando espiões

Volvamos a pagina. O grotesco da investigação criminal atinente ao regicidio.

E' diretor da scena o juiz Almeida Azevedo, o mesmo juiz que tentando contradizer a verdade dumas afirmações aqui feitas, mandou imprimir na gazeta clerical desta cidade de 8 de maio, em telegrama de Lisboa, que elle magistrado, apenas dissera que — «*a morte de D. Carlos traria uma era de renascença para Portugal.*»

Todos os dias se chamam e se crivam d'interrogatorios, pessôas que sabiam tanto o que ia acontecer na tarde de 1 de fevereiro, como João Franco ou o proprio rei.

E' duma estupenda bestidade a ideia que certos monarchicos fazem dum acto como aquelle. Na imaginação dos taes, 8 dias antes, Buiça e Costa chegavam, pé ante pé, á beira dos seus amigos, e sussurravam misteriosamente: — Você sabe? No

dia em que D. Carlos regressar de Vila Viçosa, ali á esquina do Terreiro do Paço, nós dois, *pum... pum...* E era duma vez um rei e um principe. Mas co'os diabos! Não vá você espantar a caça. Segredo de morte!

Ao que o ouvinte, com tonturas d'assombro, reperia, de olhos perdidos e gaguez na lingua.

— Então o rei... *pum!*... E o principe... *pum!*... Caramba! E' d'arromba! Desculpe, mas só conto a coisa á minha mulher, que é um pôço. Senão rebento.

— Pois diga lá á companheira, mas faça-a jurar primeiro.

E de monte em monte d'amigos, conhecidos, transeuntes e forasteiros, iriam os regicidas, desvendando o plano, segredando seus intentos.

Imaginam, então, os cretinoides, que resolver justiça reis, e morrer matando para salvar centenas de vidas, e libertar um povo, é acaso tenção que se confie? Não havia nada a temer dum denunciante, precisamente no tempo em que os espiões brotavam de todas as sargetas? Não teriam a recear dos que quizessem vender a confidencia, por maquia inegualavel, pois levava dentro duas existencias reaes?

E então, na terra portugüesa, em que a longa tradição de vendidos enodôa de lixo todas as conjurações! Houve denunciantes na conspiração dos fidalgos contra D. João II, como na de 1640, como na dos nobres contra D. João IV, como na de Gomes Freire d'Andrade, como nas do miguelismo, como na que em nossos dias decorreu a 28 de janeiro.

Buiça e Costa pertencem á raça desses homens obscuros, que num dado momento sentem o Absoluto na sua alma. Alçam-se, então, acima do mundo, e de todas as convenções sociaes. Julgam como deuses, executam com a serenidade d'animo de quem a si proprio se condenou á morte. Uma só coisa temem — não conseguirem o que decidiram realizar.

E pensa o juiz de instrução que os dois gigantes permitiriam que simples suspeitas recaissem sobre os seus propositos!

Bem dizia fr. Bartolomeu dos Martires: — « Muitas vezes sae mau letrado o que daria um bom sapateiro ». E Teofilo Gau-

tier, que nem vestia cogúla de frade nem purpura de bispo, ensinava:— « Deus fez os imbecis para os homens d'espírito se rirem. »

*

* * *

“Céo azul, riso amarelo,,

Inaugurou-se no Porto um Circulo d'Operarios Catholicos. Lapide latina, benção episcopal, balões venezianos, as polainas e a calva côr de mel do sr. Candido de Pinho, e soltura de discursos com laxidão das tripas cerebraes.

Um orador operario, que principiou com o perjurio de não estar preparado para taes andanças, depois de espojar a lombada por todas as esteiras gastas da retorica de abadessado de freiras, entrou a explicar á assistencia as côres do pendão da casa. « Branca como a espuma do mar, como a neve da serra, como a penugem da pomba ».

A seguir a esta sinfonia d'alvaiade, com maionése de pombos e carapinhada, o homem deitou-se ao azul. Ora ahi vae:

A sua margem é azul, é o infinito que admiramos, o manto da Virgem que amamos e o trono de Deus que adoramos; azul, simbolo da nossa terra, deste querido torrão que nos viu nascer, onde balbuçiamos as primeiras palavras e desferimos os primeiros passos; azul, simbolo desta querida patria out'ora tão crente e gloriosa e bem digna de melhor sorte.

Que olho azulino! Azul, trono de Deus! Só Mahomet, que subiu até ao sétimo céu, descreveu a poltrona divina mais limpamente!

Uma acepção ao artista esqueceu. Ei-la:— Estar azul, que equivale—Estar á meia redea.

Porém, onde atingiu o sublime, foi no capitulo da amarelição. Poz o auditorio livido.

Bordada a amarelo côr da Igreja, instituição mais digna, mais nobre, mais elevada que existe sobre a terra; amarelo como os goivos, como o oiro, como os scetros dos reis; amarelo que simbolisa a nossa crença, a nossa fé, a nossa lei.

Igreja amarela! crença amarela! fé amarela! lei amarela! febre amarela! Mas ainda ha outra coisa amarela. E'... isso, isso que Cambrone atirou aos inglêses.

Fechou a recita um tal Benevenuto de Sousa, padre por alcunha, o mais orelhudo jumento de todos os quadrupedes jesuiticos. Um discurso fabuloso, rogando á assistencia que «defendesse Deus!»

E o clerigo, depois de proteger a divindade, que móra nos ceos em trono azul e na terra numa Igreja amarela, declarou que elle, mais o defunto Manoel da Fonseca, mataram o socialismo em Portugal.

Meu caro Macedo d'Andrade: Compete-lhe, como presidente do Centro Socialista — convidar o padre a aparecer por lá. Metam-lhe, depois, a cabeça numa gamela d'agua, se não tiverem lavagem. A vêr se Deus é que defende tamanha alimária.

*

* *

Di luva di pélica...

Vegeta aqui no Porto uma fôlha monarquica, orgão das especialidades farmaceuticas dum sr. visconde literalmente analfabeto, que a todos os instantes grita na sua roça jornalística: — «Façam-me ártigos di luva di pélica!»

O visconde dos xaropes enviou a Inglaterra um plenipotenciario seu, que entrevistou o marquês de Soveral, encarregado de negocios inglêses junto da côrte de Lisboa, e residindo ordinariamente em Londres.

A fachada da gazeta em questão, dois dias seguidos vergou ao peso das luvas di pélica dos dois diplomatas: O embaixador do Cambará, e o nosso Talleyrand londrino.

Paladeiem:

Pergunta um, se a morte dos reis de Portugal confrangeu Eduardo VII.

Responde o Marquês :

— Tanto que não dizia: mataram o Rei de Portugal e o Príncipe. Mas exclamava aterrado do sacrilegio: «Mataram-me dois Cavaleiros da Jarreteira!» Compreende, a Jarreteira para os Reis de Inglaterra é uma unção divina, e o atentar contra a vida de algum dos 25 únicos cavaleiros, é atentar contra a própria divindade.

Creio até, que Eduardo VII nunca aceitou ser rei da Inglaterra, porque os ingleses tinham em 1649 cortado a cabeça a outro cavaleiro da Jarreteira, que se chamou Carlos I e na mesma Inglaterra reinava.

— E que lhe parece o rei D. Manuel? — investiga o reporter.

Confidencia do Marquês:

— Chega a ser espantosa a ilustração e o tino político de Elrei, que vae ainda na idade em que lhe não ficava mal saber menos. Eu tenho toda a confiança e uma convicta admiração no seu senso político. Senão não o punha defronte de Asquith inesperadamente, desprevenidamente. Saf e elle nem sequer sabia onde tencionava levá-lo.

E' claro. Foi ao engano. Ao Asquith, mais ao Grey, cáulhes a baba. Um paiz que dá assim, dum parto, dois prodigios: Rei, e diplomata! Que diria o avô de tal descendencia, aquelle D. Pedro III, precursor intelectual de D. João VI? Chamava-os ambos pela sua frase favorita: — *capacidoneos*.

Insiste o reporter:

— « Ouvi dizer que o Imperador da Alemanha convidára El-rei D. Manuel a tratarem-se por tu...? »

— « Não é de admirar. »

Pudera! D. Manuel começou:

— O' Guilherme, como te chamas?

Imediatamente, o imperador largou a trautear em português:

Manoel, tão lindas moças,

Manuel, tão lindas são;

Manuel, dá-me um abraço,

Manuel, do coração.

Rompeu o fandango, e bateu se o fado.

E o *reporter*, marrando de novo:

— Dizem-me que no almoço realizado, quando da primeira viagem, na Legação, a Rainha Alexandra estivera todo o almoço enlevada em Elrei; que o beijava sempre que se viam ou se separavam por instantes que fosse.

Faltou-lhe inquirir se o reisinho teria andado dentro duma redoma... meu Menino-Jesus onde te porei.

Não nos basta ser pequenos, desaba-nos sobre a cabeça a saraivada de todos os ridiculos.

Afonso Costa — o inimigo

Estranha a situação deste combatente intemerato! Sente em volta o côro intenso e tragico dos odios e raivas, uiva-lhe aos pés o marulho das ondas d'injurias em que espumam as impotencias dos adversarios.

Mal apagado vae o latido das matilhas, que, num arrebatado, as aclamações estrondeiam, os brados de dedicação fendem os ares, as amisades cerram muralha de bronze em torno d'elle.

Um gesto seu arrojaria milhares de cidadãos ao sacrificio; se o assassinassem, os reaccionarios traçariam a apologia dos sicarios. Lançam sobre elle os rafeiros da sacristia e da politica; do largo os lobos arreganham as presas.

Por mais duma vez constou no Porto que uma bala, cem vezes pesada a oiro, o varara. Tão depressa voava o boato, como nos bairros populosos d'operarios rugia um clamor de revolta. Aglomeravam-se chusmas, endireitavam ao coração da cidade, e nos seus labios aziumava o travor qual nos olhos se acendiam as brazas da vingança.

Sou insuspeito falando d'elle, pois que nos meus tempos d'estudante, com o criterio simplista e unilinear de quem apenas soletra o mundo, só lhe descobria os defeitos das suas qualidades. Mas a sua audacia, ora fria, calculada e tenaz, ora re-

pentina e chamejante, caminhando sobre o perigo de cabeça baixa e punhos enclavinados, — tem sido o mais pesado ariete da demolição monarquica.

Que arde d'ambição — denigrem aquelles que ambicionavam estrangulá-lo. E porque não? Porque não ha-de desejar com veemencia, ser governante numa patria liberta quem se sente as qualidades requeridas, e a confiança do povo?

A ambição é uma força, uma grande força, a móla propulsora da politica. Se fôr cega, conduz a catastrofes de humilhação e viltá; quando clarividente guia ao triunfo, ou á morte heroicamente gloriosa.

Seja o Ideal quem fecunde a ambição, e eis ahi a alavanca que Arquimedes requeria para deslocar o Universo. Movam a ambição os instintos sanguinarios e as baixas perversidades dos tiranos, e eis o coval maldito onde um João Franco despeja um rei.

Cubiçar o Direito e a Justiça, é ancia sagrada que sempre inspirou os martires e os redentores. Fitar apenas a razão é encerrar a vida na pocilga dos suinos.

Elles temem Afonso Costa, temem o seu denodo, sua intrepidez corajosa; temem o desdem sobranceiro com que joga o derradeiro bote.

Duma vez que elle passava a distancia de certo grupo de caciques gôrdos e financeiros suspeitos desta terra, houve uma surda explosão de rancôres. E um delles, com os dentes enfechelados e olhar coriscante, rosnou para a roda:

— Malvado! E' capaz de tudo! Até de nos fazer enforçar!

Descançem. Está o canhamo caro. E as amnistias só não abrangem ladrões.

* * *

Se elle proprio não sentira a legitima conquista do seu prestigio, bastava para o engrandecer o torvelinho de furias e de malquerenças, de vinganças e iras com que os contrarios o enlaçam. São elles que o alceiam mais, são elles que o devem tornar orgulhoso na proporção do pavor que os seus impetos de irrequieto combativo provocam.

Elle roubou-lhes o socêgo, a mansa paz das digestões laboriosas. Não é um inimigo que se afronte, nem que se seduz com louvaminhas.

Aliaz, no estado presente da sociedade portugûesa, passou a epoca dos idilios entre arraiaes fronteiros. Do campo adverso só lama nos arremessam, só ameaçam com noites de morticínio e auroras de sangue.

Desenha-se claramente a mesma situação do periodo entre 1828 e 1834, a nação dividida em dois campos irreductiveis. Um choque de rude e inevitavel asperêsa, decisivo e fatal, para podermos regressar a uma era de pacificação.

Palpa-se o fermento transformador. Sobem á flôr das almas as torrentes de coragem que precedem os grandes sacrificios. Já não somos o povo apatico, indolente e inerte, que tanto azedava o estilo e as considerações dos nossos moralistas e pensadores. A democracia invade de roldão a scena politica, e de segundo a segundo diminue a massa amorfa da população, que por completo se alheava da vida publica.

Do referver das paixões, espicaçadas pelas perseguições tão estupidas quão maldosas, só pode resultar: ou uma longa e arrastada decadencia bisantina, ou o movimento de redenção nacional.

